

**15/7/1986**

**O inquérito fica, ainda, na polícia estadual.**

O secretário da Segurança Pública, Eduardo Muylaert Antunes, e o diretor-geral da Polícia Federal, Romeu Tuma, conversaram durante toda a manhã de ontem sobre os conflitos de Leme. Uma das decisões tomadas: o inquérito continua exclusivamente no âmbito da polícia estadual, a cargo da Delegacia Seccional de Rio Claro. A Polícia Federal apenas vai acompanhar o inquérito e as investigações e só abrirá uma apuração oficial se ficar constatado que a origem do conflito foi a violação da Lei de Greve.

Tuma e Muylaert falaram, por telefone, com o ministro da Justiça, Paulo Brossard, que pediu o maior número possível de informações para transmiti-las ao presidente da República, com quem ele se encontrara pouco antes do meio-dia. Tuma disse ao ministro que havia indícios, realmente, de que os vimeiros disparos, na manhã de sexta-feira passada, partiram de um Opala azul da Assembléia Legislativa do Estado, à disposição do PT. Esta informação também foi dada por Muylaert. Mas, sobre os autores do disparo, o secretário da Segurança e o diretor-geral da Polícia Federal dizem que isso por enquanto não foi apurado. Os dois falaram ainda que "existem pessoas pressionando testemunhas", referindo-se ao caso de Orlando de Souza e José Henrique Cafasso, que estavam no ônibus.

**Bala perdida**

O delegado Romeu Tuma ficou visivelmente aborrecido quando ouviu do deputado Eduardo Suplicy que "o projétil que matou Cibele Aparecida Manoel foi encontrado no hospital para onde tinha sido levada". Tuma já havia comunicado, pessoalmente, ao ministro da Justiça que apenas o projétil que matou Orlando Correia fora recolhido para análise pericial. Em Cibele, conforme atestam os médicos-legistas, não foi encontrado o projétil, pois ele transfixou (atravessou) o corpo.

Suplicy, Luiz Eduardo Greenhalgh, advogado do PT, e o jurista Hélio Bicudo estiveram na Secretaria da Segurança Pública, onde anotaram "uma série de erros no inquérito". Luiz Eduardo Greenhalgh explicou: "Em primeiro lugar, há um boletim de ocorrência sobre a prisão de cinco pessoas que nem se conheciam e a elas foi atribuída a tentativa de invasão da casa de um PM. Falei com uma dessas pessoas e ela desmentiu tudo. Eu disse ao delegado de Leme que aquela ocorrência é falsa. Em segundo lugar, vários feridos nem foram relacionados para serem ouvidos no inquérito. Em terceiro, uma distorção muito grande. A versão oficial diz que os tiros partiram do opala da Assembléia, supostamente ocupado por deputados do PT. Mas as testemunhas desmentem, dizem que não falaram nada disso na Polícia. Uma delas, o José Henrique, disse que 'na delegacia falava muito pouco e escreviam muito'. Então viemos protestar contra isso. Estive com dez jornalistas na casa de José Henrique. Os jornalistas são testemunhas do relato que essa testemunha fez".

Sobre o fato de ter sido encontrado um coldre de revólver no Opala da Assembléia à disposição do PT, Luiz Eduardo afirma: "Todos os motoristas da Assembléia também são agentes de segurança e podem andar armados. Mas o motorista desse Opala, o Jeremias, não estava com arma. O Opala estava lá para ajudar a greve".

Para Eduardo Muylaert Antunes, "por enquanto tudo é especulação, é um direito que eles têm de fazer suas investigações, mas o inquérito está seguindo regularmente. Assegurei ao deputado Suplicy que o inquérito será feito de uma forma cristalina, clara, sem nada escondido".

— Recebi telex do delegado de Leme, informando-me que as testemunhas não mudaram seu depoimento — prossegue Muylaert. Agora, quanto ao encontro de um projétil, aquele que teria atingido uma das vítimas, eu posso dizer que se trata de mais um detalhe para a balística.

Muylaert mantém sobre sua mesa cópias de tudo o que foi feito no inquérito, até agora. São depoimentos de várias pessoas e constatações técnicas, por exemplo, de que o ônibus foi realmente atingido por disparos.

### **Depoimentos**

Trechos dos depoimentos mais importantes, como o de José Henrique e Orlando de Souza, estão grifados. José Henrique: "O ônibus chegava na esquina de uma rua paralela à linha férrea, os trabalhadores rurais começaram a apedrejar o ônibus, quebrando três vidros. O motorista freiou o ônibus e abriu a porta traseira para descender os passageiros. No ônibus ninguém ficou ferido, o motorista levou uma pedrada e não ficou ferido. Os PMs que estavam no ônibus não esboçaram nenhuma reação; nem chegaram á sacar da arma. Neste instante surgiu um carro do tipo Opala, cor azul, placas amarelas (José Henrique disse que não viu a numeração das placas), com três ou quatro pessoas. Esse veículo ultrapassou o ônibus pela esquerda e cortou-lhe a frente, ficando atravessado na via pública. Uma pessoa que estava no Opala efetuou dois disparos em direção ao ônibus. Um disparo atingiu o vidro dianteiro, que ficou estourado. O outro tiro atingiu a grade dianteira do ônibus. Não consegui identificar o autor do disparo, pois estava dentro do ônibus e não tinha condições de avistar o interior do veículo. Eu estava com minha mochila na frente do rosto; o que atrapalhava a visão, para me defender das pedras. O Opala saiu em alta velocidade. Ninguém atirou contra o Opala. Os PMs não deram tiro no local. Ainda pude ver que pessoas (não identifiquei essas pessoas) atiravam contra os policiais militares. Os PMs atiraram para cima, com intuito de espantar. Os PMs que atiravam para cima eram os que estavam no ônibus. Com os disparos efetuados pelo passageiro do Opala é que se iniciou um tiroteio no local".

Orlando de Souza, o motorista do ônibus, diz que "realmente os tiros vieram do Opala. A PM começou a atirar depois e havia outras pessoas que começaram a atirar. Inicialmente, os PMs atiraram para cima, todo mundo correu. O Opala azul é que foi o causador de todo o tumulto".

Segundo Luiz Eduardo Greenhalgh, advogado do PT, a testemunha José Henrique Cafasso "nem leu o próprio depoimento; na delegacia não disseram a ele que podia ler o depoimento".

Fausto Macedo

**(Página 11)**